



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 13, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 13 - EDUCAÇÃO E ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS. ESTUDOS DA LINGUAGEM.

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <https://doi.org/10.29380/2020.14.13.04>

Recebido em: **30/08/2020**

Aprovado em: **07/09/2020**

ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA INFÂNCIA
MOTIVANDO PARA APRENDER E ENSINAR ; LEARNING STRATEGIES FOR THE
ENGLISH LANGUAGE IN CHILDHOOD MOTIVATING TO LEARN AND TEACH ;
STRATÉGIES D'APPRENTISSAGE DE LA LANGUE ANGLAISE DANS L'ENFANCE
MOTIVATION POUR APPRENDRE ET ENSEIGNER

CATARINA BARROS

<https://orcid.org/0000-0003-1738-885x>

ROSIANE MARIA BARROS SANTOS

[0000-0003-1666-463x](https://orcid.org/0000-0003-1666-463x)

RESUMO

O presente trabalho está relacionado à reflexão do professor diante de métodos, teorias, estratégias e práticas pedagógicas aplicadas para o ensino da língua inglesa às crianças. A aprendizagem e o ensino nesta fase de desenvolvimento requerem planejamento, dinamismo e criatividade. Temas como Motivação Intrínseca e Extrínseca, Métodos de Ensino, Estratégias de Aprendizagem, Relação professor-aluno, Múltiplas Inteligências e Ludicidade serão aqui abordados. Ademais, o aspecto lúdico apresenta sugestões de como e o que utilizar para reter a atenção dos alunos. O interesse se deu a partir da necessidade de reflexão sobre conhecimentos teóricos que podem ajudar na prática do ensino de uma língua estrangeira de maneira motivadora. Para a produção do artigo foram realizadas pesquisas de cunho bibliográfico em livros e na internet, tomando como base autores nacionais e internacionais.

Palavras-Chave: Motivação. Aprendizagem. Ensino da Língua Inglesa. Estratégias de Ensino. Educação na Infância.

ABSTRACT

This article is related to English language teaching and it emphasizes how important is teacher's reflection throughout methods, theories, strategies, and pedagogical practices in childhood education. These learning and teaching demand planning, dynamic tasks, and creativity. Topics such as Intrinsic and Extrinsic Motivation, Teaching Methodologies, Learning Strategies, Teacher-student Relationships, Multiple Intelligences, and Playfulness are going to be exposed. Furthermore, the ludic aspects come up with helpful suggestions on how and what is needed to be applied to get and keep student's attention. Its interest was due to the need of reflection on how theory can help in teaching a second language thought a motivating way. To produce this work, bibliographic researches were based on books and on the Internet following national and international author's thoughts.

Key-words: Motivation. Learning. English Language Teaching. Teaching Strategies. Childhood Learning.

RÉSUMÉ

Ce travail est une réflexion sur des méthodes, théories, stratégies et pratiques pédagogiques des enseignants appliqués à l'enseignement de la langue anglaise aux enfants. Apprendre et enseigner à ce stade de développement humain exige de la planification, du dynamisme et de la créativité. Des sujets tels que la motivation intrinsèque et extrinsèque, les méthodes d'enseignement, les stratégies d'apprentissage, la relation enseignant-élève, les intelligences multiples et le caractère ludique seront présentés ici. Sur ce dernier point, des suggestions sur comment et quoi utiliser pour retenir l'attention des élèves seront présentées. L'intérêt est né de la nécessité d'une réflexion sur les connaissances théoriques qui peuvent aider à la pratique de l'enseignement d'une langue étrangère de manière motivante. Pour la production de l'article, des recherches bibliographiques ont été menées auprès d'auteurs nationaux et internationaux.

Mots-clés: Motivation. Apprentissage. Enseignement de l'anglais. Stratégies d'enseignement. Éducation de la petite enfance.

1 INTRODUÇÃO

As crianças aprendem melhor através de maneira implícita: imitando, memorizando, adquirindo intuitivamente através da exposição repetida e da produção de atividades divertidas e interessantes [...] Algumas maneiras práticas podem ser implementadas por meio de figuras, contação de histórias, jogos e atividades lúdicas divertidas.[1] (UR, 2012, p.258 e 259).

As informações contidas na citação acima, nos permite refletir sobre a aplicação do ensino de uma língua estrangeira, mas precisamente para crianças, reforçando a necessidade da utilização de atividades práticas e dinâmicas em sala de aula para que o aprendizado se torne agradável e espontâneo. Com a valorização e o interesse cada vez maior na aquisição de um idioma, nos deparamos com uma grande procura de pais desejando que seus filhos aprendam uma segunda língua desde cedo. É na infância que esse aprendizado se torna mais propício e prazeroso, fazendo com que a criança passe a adquirir conhecimentos de uma maneira mais efetiva do que quando realizado na idade adulta.

Este estudo bibliográfico tem o intuito de proporcionar uma possível reflexão por parte dos que estão lecionando uma língua estrangeira, mais precisamente o Inglês, para os alunos do Ensino Fundamental, Anos Iniciais, que engloba crianças com idade entre 06 e 10 anos. Entretanto, nada impede que o professor de outra faixa etária se utilize desses conhecimentos para ter um bom desenvolvimento em sala de aula. Serão apresentadas possibilidades, soluções e questionamentos diante de dificuldades enfrentadas em sala de aula, propiciando um ambiente positivo de aprendizagem. O propósito é que o ensino e a aprendizagem do idioma se tornem dinamicamente atraentes para ambas as partes. O professor tem um papel extremamente importante na educação e é por meio dele que iremos formar possíveis admiradores e usuários do idioma.

Estratégias de Aprendizagem serão abordadas de uma maneira clara e direta, facilitando o entendimento e a recepção de conhecimentos gerados no âmbito escolar. Uma boa relação professor-aluno será capaz de potencializar o aprendizado, gerar motivação e criatividade, além de minimizar possíveis obstáculos no seguimento de ensino do idioma.

Serão ressaltados fatores que acarretam desmotivação e que conseqüentemente podem gerar indisciplina em sala de aula. Faz-se necessário haver uma interação entre o educando e o formador, uma vez que eles devem estar afetivamente ligados no processo de aprendizagem. A falta de conhecimento de métodos, teorias e estratégias por parte do facilitador, pode acarretar empecilhos, que por sua vez, precisam ser superados e até mesmo sanados.

É importante ampliar a visão sobre o aprendiz para que desejos e necessidades sejam conhecidos e expostos, sem que nenhum aluno venha a ser rotulado erroneamente, uma vez que fatores biológicos, psicológicos e afetivos se colocam como grandes vilões diante do sucesso de aprendizagem. É preciso encontrar alternativas, considerar sala de aula um local motivador para todos ali presentes, tornar o ensino estimulante e gerar resultados positivos.

2 ENTENDENDO A TEORIA PARA APLICAR MELHOR NA PRÁTICA

No livro *Approaches and Methods in Language Teaching*, Richards e Rodgers (2011, p.244) consideram que diante do levantamento das abordagens e métodos ali existentes, foi constatado que a história do ensino de línguas, nos últimos cem anos, tem se caracterizado em buscar formas mais eficazes de ensinar uma segunda língua.[2] Fica claro que para o ensino de uma Língua Estrangeira

(LE) existe diversos métodos e abordagens que podem ser aplicadas, não havendo explicitamente maneira apropriada ou inadequada, uma vez que cada sujeito tem sua maneira particular de aprender, além de encontrar-se em níveis de aprendizados diferentes.

Ainda segundo os autores, serão explanados a seguir alguns métodos de ensino. No livro mencionado, encontra-se uma abordagem mais completa e aqui constará um breve descritivo destas características, apenas a título de conhecimento sobre o tema.

Dentre os mais conhecidos, serão mencionados alguns, como por exemplo, o Método Tradução da Gramática, que foi um dos pioneiros no aprendizado de uma língua estrangeira, tendo como objetivo o desenvolvimento intelectual do aluno. A leitura e a escrita de textos literários, a tradução e a memorização de vocabulário, a utilização da Língua Materna (LM) para o aprendizado da LE e o ensino da gramática de maneira organizada e sistematizada eram umas de suas particularidades.

O Método Direto tem como base apresentar o idioma de maneira semelhante ao aprendizado da LM visando a prática oral da LE de maneira espontânea. Dá-se a aplicação exclusiva do novo idioma em todos os momentos da aula, além do ensino do vocabulário feito por meio de figuras ou demonstrações e a sua gramática ser aplicada indutivamente.

O Método Audiolingual é aquele no qual o aluno desenvolve habilidades orais e auditivas, para em seguida aprimorar a leitura e a escrita, tendo a repetição e indução presentes durante todo o processo, não existindo a reflexão gramatical.

Temos também o Método Resposta Física Total, com base em movimentos corporais e no uso do idioma. O método defende que o ensino precisa ocorrer por intermédio de comandos e de repetição verbal, acompanhado da associação de uma atividade motora. A gramática nesse caso não é ensinada de maneira direta, e sim incorporada. Os alunos trabalham primeiramente a competência auditiva antes de desenvolver a habilidade oral. É recomendada a utilização de um plano de aula detalhado com todas as etapas da lição, pois o ritmo acelerado dos alunos provavelmente impedirá o professor de criar atividades espontaneamente.

Outro que se pode referir é o Método Silencioso, tendo o docente como modelo para que os alunos possam aprender em um primeiro momento. Após isso, o facilitador passa a ser o monitor e os alunos têm autonomia para entrar em ação, corrigir uns aos outros e ser os principais atuantes em sala de aula, sendo encorajados a produzir o idioma ao seu nível máximo. Os discentes aprendem a trabalhar de uma maneira cooperativa e não competitiva.

Esses são apenas uns dos mais variados métodos de ensino e como observado, muitos podem ser utilizados no aprendizado de um idioma de maneira eficiente. O diálogo de Bohn aponta que:

A história nos mostra que diferentes definições de língua-linguagem produzem diferentes propostas de ensino. Nesse sentido, a noção de método soberano parece ser bastante transitória. Assim como as identidades hoje são vistas como transitórias [...], assim também parecem ser os métodos: furtivos, descentrados, múltiplos, porque assim são os sujeitos aos quais se aplicam. (BOHN, 2009, p.174-175).

Por isso observa-se que a área de ensino de línguas estrangeiras exige aperfeiçoamento e adequação constante por parte do orientador, que deve estar sempre atualizado para instruir corretamente os seus alunos e desenvolver práticas adequadas a partir das suas necessidades, não sendo interessante a aplicação de um único método. Ainda acrescenta Bohn (*idem*, p.175) que não há uma soberania no método, e este deve ser considerado passageiro e não universal.

Outra fundamentação teórica indispensável para aquele que leciona, é o conhecimento da Motivação Intrínseca e Extrínseca. Segundo a autora Penny Ur (2012, p.10), “a motivação é um fator crucial

para o sucesso do aprendizado de uma língua; muitas pesquisas foram realizadas e apresentam como e porque os alunos são motivados a aprender e o que professores podem fazer para a motivação ser amplificada”.[3] Apoiada nessa afirmação, serão apresentados esses dois tipos de motivação, contribuindo para a reflexão por parte dos que ensinam.

O primeiro é a Motivação Intrínseca que desenvolve a autonomia e a autoestima dos alunos. Aqueles que são motivados intrinsecamente demonstram interesse e participam ativamente do processo de aprendizagem ao constatar que avanços e objetivos estão sendo atingidos. A sua motivação é estimulada sempre que um desafio é superado. Segundo Deci, “atividades motivadas intrinsecamente são aquelas em que mostram recompensas internas [...] esse mérito é uma consequência da competência e determinação do aluno”. [4] (DECI apud BROWN, 2000, p.76).

Ao contrário, a Motivação Extrínseca depende de benefícios externos para premiar quando os objetivos são atingidos, fazendo utilização de alguma forma de penalidade quando isso não ocorre. Uma vez não tendo incentivos, a motivação deixa de estar presente e tende ao declínio. Dentre os tipos de gratificação podemos citar pontuação extra em resultados de provas, prêmios, atenção especial do professor, elogios da família, aprovação dos colegas etc. Vale lembrar que auxílios positivos levam os alunos a repetirem os comportamentos satisfatórios e os reforços negativos podem deixar os aprendizes desmotivados, dificultando o aprendizado.

Independente do tipo de motivação a ser trabalhado em sala de aula, Burns e Richards (2012, p.80) defendem que “os fatores motivacionais intrínsecos e extrínsecos no processo de aprendizagem, devem ser trabalhados em conjunto”. [5] As razões de natureza interna colaboram com o entusiasmo do aluno, promovendo uma melhor participação em sala e a de natureza externa é uma ferramenta bem aceita por parte dos aprendizes. Contudo, Piletti e Rossato (apud PILETTI 2013, p.34) afirmam que “centrar-se em aprender apenas para conseguir um prêmio pode resultar numa aprendizagem que não irá permanecer, sendo ineficaz”. Nesse caso, entende-se que os tipos de motivação já citados são bons recursos quando não utilizado demasiadamente, pois o aluno pode ficar limitado a não participar ou colaborar em uma determinada atividade ou tarefa quando não ocorra algum tipo de retribuição.

Serão abordadas a seguir as classificações e as características de algumas Estratégias de Aprendizagem, além de sugestões de como professores podem aplicar instruções adequadas em sala para auxiliar e potencializar o desenvolvimento do aprendizado de uma língua estrangeira. Para Oxford (apud BURNS; RICHARDS, 2012, p.72) as estratégias são divididas em dois grupos, sendo consideradas Direta e Indireta.

Estratégia Direta: É um processo mental da linguagem que envolve a fixação do aprendizado da língua estando fragmentada em três subpartes que são Estratégia de Memória, Estratégia Cognitiva e Estratégia de Compensação.

Estratégia de Memória: está relacionada a atividades que colaboram com a memorização do conteúdo, sendo sugeridas atividades associativas com palavras, utilização de contexto, de imagem e som, de palavras-chave, do uso de rimas, de mapa semântico, do uso de sensações e da linguagem corporal.

Estratégia Cognitiva: Já esta estratégia estabelece ligação com a prática do conhecimento através de atividades de leitura e escrita, adotando a prática da conversação de forma natural. Faz a utilização de raciocínio de contrastes, recepta e transmite mensagens, resume conteúdos dando ênfase a pontos que precisam ser chamados atenção, além de criar um bom sistema de *input* (absorção) e *output* (produção e rendimento).

Estratégia de Compensação: Permite aos alunos dar continuidade ao conhecimento mesmo quando não se tem a competência total sobre um assunto. Abrange atividades de adivinhação de forma inteligente associando palavras ao contexto através de cognatos, faz a execução de mímicas e gestos

para uma melhor compreensão, permite o reajuste de mensagens que não foram entendidas para que possam ser expressas de uma maneira mais evidente. O aprendiz faz o uso da sua própria experiência para poder expandir o seu conhecimento.

Estratégia Indireta: Ela tem o propósito de contribuir com o conhecimento do aluno de maneira geral colaborando com o objetivo de alcançar a aprendizagem com êxito. Da mesma forma que as Estratégias Diretas, as Indiretas são subdivididas em três subgrupos, sendo elas Estratégia Metacognitiva, Estratégia Afetiva, e por fim, Estratégia Social.

Estratégia Metacognitiva: Esta estratégia vai além do cognitivo, permitindo ao aluno elaborar seu próprio planejamento, através de metas e objetivos centralizados na aprendizagem. Uma autoavaliação se faz presente permitindo que erros sejam identificados e corrigidos, além da visibilidade e acompanhamento do seu próprio progresso.

Estratégia Afetiva: O alvo dessa estratégia é lidar com o lado emocional, com a motivação e com valores que envolvem o aprendizado. É importante que os sentimentos e as atitudes dos alunos sejam valorizados em sala para que um bom desenvolvimento ocorra. Encorajar todos os educandos para que novos desafios sejam enfrentados é uma maneira inteligente de ultrapassar a ansiedade. Um ambiente descontraído irá inspirá-los e torná-los mais participativos.

Estratégia Social: O aprendizado de qualquer idioma requer comunicação, portanto essa estratégia irá aumentar o envolvimento entre os alunos. Fazer alguns questionamentos, pedir correções e dar a sua contribuição diante de uma pergunta, é exercitar o uso da língua e é uma boa opção para que os alunos interajam de maneira natural. A competição troca de lugar com a cooperação e o trabalho em equipe torna-se mais agradável. É importante estar consciente em relação a sentimentos e pensamentos dos colegas de sala, isso ajuda a posicionar-se no lugar do outro e obter um diferente ponto de vista.

As classificações de antemão expostas foram apenas uma explanação concisa sobre algumas das diversas estratégias utilizadas no aprendizado de uma LE. Outros autores também possuem suas classificações e contribuições, como por exemplo, O'Malley e Chamot (apud BURNS; RICHARDS, 2012, p.71) que as identifica como Estratégias Cognitivas, Metacognitivas e Socioafetiva.

Todos esses autores tiveram contribuições importantes e muitas delas apresentam semelhanças entre si, entretanto a taxonomia de Oxford é uma das mais completas quando o assunto é sobre o ensino de idioma. Além da utilização isolada de alguma estratégia, é aconselhável também a aplicação paralela entre elas e os resultados obtidos serão ainda mais lucrativos.

Independente do tipo de estratégias, motivação ou método a ser aplicado, ele deve ser utilizado em prol do aprendizado, uma vez que professores e alunos buscam constantemente modelos para aperfeiçoar a absorção eficaz de conteúdos. Para Freire (apud PILETTI 2013, p.30), “a teoria sem prática é puro verbalismo inoperante, a prática sem teoria é um ativismo cego.” É aí que se mostra a importância do consentimento de perspectivas teóricas e práticas por parte dos professores ou futuros professores de língua estrangeira. Sabe-se que não existe um modelo perfeito a ser seguido, o que subsiste são ajustes, influências, aperfeiçoamentos e adequações da teoria perante a prática, a favor da melhoria da qualidade de aprendizagem.

3 MOTIVANDO A TODOS EM SALA DE AULA

Sabe-se que o aprendizado sofre influências internas e externas para que possa ser desenvolvido com êxito ou não. Inúmeros fatores inspiram positivamente um aluno ou um professor, mas entende-se também que a razão que motiva uma pessoa, não necessariamente é a mesma circunstância que estimule outro sujeito. É preciso que o ambiente e o nível de interação entre os integrantes em uma sala de aula encontrem-se em harmonia para um bom aprendizado. Isso faz apoiar a afirmação de Wong & Wong (apud WALTERS; FREI, 2009, p.44) que: “se você oferecer a seus alunos uma

atitude mais positiva e expectativas mais elevadas, eles poderão recompensá-lo mais do que você espera”.

É válido enfatizar que o professor acaba sendo um modelo em sala de aula. Somos motivados a produzir e participar ao sentir desejos, emoções e necessidades particulares de atingir um determinado objetivo. Entretanto, Piletti (2013, p.31) considera que “todo esforço do professor será completamente inútil se o aluno não estiver interessado em aprender.” Pode-se ter como exemplo de motivação a ser aplicada no aprendizado, a Motivação Intrínseca e Extrínseca que foram abordadas anteriormente. Elas podem ser empregadas tanto para o instrutor quanto para o aprendiz. O aluno, por sua vez, tem muito a acrescentar fazendo com que o professor também se torne um indivíduo estimulado.

Para obter um bom desenvolvimento, é necessário que ambos tenham suas contribuições e trocas, afinal de contas, todo sujeito motivador também precisa ser motivado. Uma estrutura para a prática de ensino motivacional, criada por Dörnyei (apud BURNS; RICHARDS, 2012, p.79) foi baseada em algumas frases que expressam pontos importantes. Logo é esclarecido que se deve:

- *Criar condições motivacionais básicas*, que envolve a criação de boa relação social e atmosfera positiva;
- *Gerar motivação inicial*, que envolve a construção do interesse do aluno e atitudes positivas para aprender um idioma;
- *Manter a motivação*, que compreende estratégias pedagógicas para manter os alunos motivados e envolvidos durante o processo de aprendizagem;
- *Encorajar uma autoavaliação positiva*, o que implica na autopercepção do aluno diante de sua competência e sucesso. [6]

A motivação necessita ser levada em consideração diante desses aspectos, tendo o intuito de orientar o professor a motivar os seus alunos para que o interesse e a dedicação estejam presentes no aprendizado, beneficiando todos. Mas não esquecendo que, “a motivação do professor, portanto, é também um aspecto de extrema relevância quando se trata da motivação dos alunos. Um professor desmotivado dificilmente se dedicará suficientemente ao planejamento e à execução de suas ações educativas.” (FERNÁNDEZ; CALLEGARI, 2010, p.51). Importante se faz concordar com a concepção de Dörnyei, que tem o aluno como foco principal de seus estudos, mas não deixando de cogitar que o professor é uma peça fundamental no processo de despertar e sustentar a motivação dos alunos (*idem*, p.70). Deve haver uma relação natural, espontânea e com dinamismo, afinal não é somente o professor que ensina durante as aulas. Todos ali presentes fazem parte de um processo participativo e são capazes de ensinar algo para seus pares.

Torna-se evidente que o mestre exerce influência, seja ela negativa ou positiva, diante do aluno. Os comportamentos acontecem de acordo com o ambiente físico e social de todos ali presentes, tornando a evolução mais produtiva e confortável diante de algum desenvolvimento ou atividade escolar. A confiança faz com que o progresso se torne notório e

ambos têm a chance de relacionar-se com agradabilidade. A fala de Piletti acrescenta que cabe ao professor perceber as suas falhas e o que pode ser modificado. Sabemos que há uma tendência em avaliar os estudantes precipitadamente e jamais se deve pensar que há incapacidade por parte do aluno em aprender algo. O professor exerce uma influência sobre o aprendiz, que pode levá-lo a julgamento errôneo de comportamentos incapazes (PILETTI, 2013, p.146-147). Procurar compreender, escutar e encorajar são fatores que contribuem para a elevação do potencial do aluno.

Ainda seguindo a mesma linha de Peletti (2013, p.151), foram observados três tipos de liderança que são: A Liderança Autoritária, Democrática e Permissiva. A primeira não tem influência dos aprendizes, apenas do professor distribuindo tarefas. Isso pode tornar os alunos indiferentes e até agressivos. Ao contrário da segunda liderança que tem como objetivo a discussão e decisão de todos em sala, levando os alunos mais responsáveis a desenvolver tarefas com sucesso. Por fim, a terceira

em que o líder da sala é permissivo, demonstrando isenção de preocupação do que acontece na aula, permitindo que os alunos conduzam suas próprias atividades.

Sabe-se que um relacionamento afetivo gera um efeito positivo nas propostas expostas pelo professor e que é interessante o profissional encontrar um equilíbrio diante desses três tipos de liderança, fazendo com que o incentivo esteja sempre presente nas aulas, tornando-o um fator indispensável para um bom aprendizado. Uma vez que, não haverá aprendizagem se houver carência na motivação, como também não existirá um ensino adequado. Ensinar requer a união de competências, aptidões, desempenhos e informações, diante de uma visão humana e da sensibilidade perante as dificuldades, necessidades e desejos dos alunos.

Para sumarizar desse tópico, seguem abaixo dez recomendações a título de sugestão que podem contribuir ao estímulo do docente, pois mais uma vez, acredita-se que todo ser motivador deve tomar conhecimento de seus valores e responsabilidades, manter sempre a sua autoestima engrandecida e permanecer constantemente motivado. Portanto: (1) Reúna-se sempre com o seu grupo para ressaltar acontecimentos agradáveis; (2) Partilhe os seus conhecimentos e sentimentos, mostre-se mais humano e caloroso; (3) Tenha em mente as suas metas e foque nos seus objetivos. Relembre da missão e da visão da sua instituição com frequência; (4) Faça o uso de dinâmicas, incremente a interação e a afetividade em sala; (5) Esteja aberto a críticas e sugestões do seu grupo. Lembre-se que um colega pode ter uma visão construtiva sobre você; (6) Agregue valor ao seu grupo, permaneçam sempre unidos e sem competitividade entre si. Seja colaborativo; (7) Faça mais contato físico e individual entre o seu grupo e seus alunos. Não generalize, personalize; (8) Reconheça e brinde o sucesso de seus companheiros, seja prestativo; (9) Confie no seu profissionalismo. Acredite e você terá um bom desempenho diante das dificuldades; (10) Suas ações e seu silêncio refletem rigorosamente sobre você. Sendo assim, faça-o quando necessário. [7]

4 POTENCIALIZANDO A APRENDIZAGEM

O professor é considerado uma peça fundamental, podendo agir diretamente para que a motivação da aprendizagem seja aguçada, tornando a sala de aula um ambiente convidativo, fazendo com que o desempenho escolar esteja sempre avante. Entretanto, existem outros fatores externos que não cabem apenas à atuação direta do professor e nem resultam de fatores internos do aluno, mas que facilmente exercem uma forte influência sobre eles. Para esclarecer um pouco isso, será levada em consideração a contribuição de Alonso Tapia, que se torna bastante fundamental quando fala que:

Saber motivar implica ter presentes tanto os contextos da aprendizagem mais próximos como os mais distantes, desde o espaço físico até a família, passando pelos ambientes informais e legais. Apenas considerando esses contextos, poder-se-ão entender alguns comportamentos não motivados para aprender. (apud FERNÁNDEZ; CALLEGARI, 2010, p.41).

Portanto, vale salientar que esses contextos englobam razões familiares, sociais e escolares. Diante do contexto familiar, pode-se assegurar que a imagem da família interfere no aprendizado de uma maneira geral, sendo importante haver o acolhimento da criança, a oferta de um ambiente amoroso e harmonioso, o reconhecimento de méritos e qualidades, o acompanhamento escolar, além de cobranças e limites estabelecidos por parte dos seus responsáveis. O trabalho da escola em conjunto com o acompanhamento familiar, tende a conduzir bons resultados quando se torna frequente.

O contexto social também é um fator influenciador na aprendizagem do aluno, pois falar um idioma tem seu valor e prestígio que podem ser reconhecidos futuramente em sua vida profissional. Pelo fato de os alunos ainda não terem uma idade avançada, essa consciência pode não existir por falta de maturidade e o aprendiz pode considerar a aquisição do idioma apenas como mais uma obrigação imposta por seus pais e/ou responsáveis.

Já no âmbito escolar, pode-se encontrar questões estruturais educacionais que fogem da responsabilidade do professor. O número de alunos, o espaço físico, luminoso e acústico da sala pode interferir no ensino, bem como a utilização de uma avaliação inadequada que seguramente desmotivará o aluno diante de desempenhos não atingidos. É interessante que a escola disponibilize recursos tecnológicos suficientes e atualizados para que as aulas possam ser lecionadas de modo diversificado, inovador e motivador.

Essas questões merecem uma atenção especial quando o foco é o aprendizado. Uma visão mais ampla do professor poderá conduzi-lo a buscar outros recursos e estratégias em caso da interferência negativa de fatores que não lhe condizem. Fernández e Callagari (2010, p.47) advertem que “ainda que o professor não possa atuar diretamente nos contextos Interno, Escolar, Familiar e Social, ele assume enorme importância no contexto da aula, já que pode direcionar a energia dos seus alunos para os objetivos que pretende alcançar”. É em sala de aula que o mestre agrupará atenção, entusiasmo, metodologia, estratégias, transmissão de conhecimento, tarefas e atividades dinâmicas a serem aplicadas. “Os professores otimistas acreditam que podem influenciar a aprendizagem e afetar positivamente a vida dos alunos” (WALTERS; FREI, 2009, p.27). Essa citação descreve o poder que um profissional pode exercer perante seus alunos e diante de possíveis dificuldades rotineiras.

Os autores Burns e Richards (2012, p.134-136) apresentam determinadas características de atividades, acreditando-se que tarefas são relevantes à necessidade dos alunos. É necessário refletir e analisar sobre o que o aluno precisa e necessita na LE. Isso acontece pela razão do alunado ter o seu próprio interesse, precisando de **tarefas adaptáveis** às suas necessidades. Fala-se também das **tarefas motivadoras** onde aprendizes são fortemente estimulados a absorver e produzir conteúdo. Outra menção, é referente às **tarefas desafiadoras**, em que a aplicação de tarefas fáceis não causará motivação, e a utilização de atividades difíceis terão efeito contrário, podendo frustrar e desmotivar os aprendizes. Nas **tarefas atuantes** (performance em sala) os alunos participam ativamente com criatividade, interação e descontração. Finalizando, serão descritas as **tarefas reflexivas**, com a proposta de discussão do uso apropriado de quatro habilidades, que são a escrita, leitura, fala e compreensão auditiva que desenvolvem um comportamento comunicativo.[8]

Justificando, portanto, essas considerações, vale lembrar a relevância do papel que o professor exerce em sala. É exigida do educador a capacidade de iniciativa, de inovação, de organização eficiente de tarefas, de instruções claras, além de conhecimentos de contextos e aspectos ligados diretamente e indiretamente ao aprendizado e a motivação. É preciso guiar os alunos, focando no aprendizado e fazendo com que objetivos sejam alcançados.

5 A IMPORTÂNCIA DE UM BOM PLANEJAMENTO DE AULA

Após o conhecimento em relação a contextos nos quais os alunos estão inseridos e aos tipos de tarefas empregadas em sala, chegou a vez de pontuar um essencial elemento que deve ser trabalhado minuciosamente, afinal, o ensino de LE para crianças requer dinamismo, criatividade e utilização da prática com eficiência.

Vale salientar que o planejamento de aula precisa ser antecipado, pois aulas bem preparadas têm maiores chances de alcançarem êxito com sua aplicação. Pensando nisso, um breve esclarecimento sobre as Múltiplas Inteligências (MI) mostrará a diferença entre maneiras de aprendizado, visto que os alunos possuem preferências, estilos e inteligências distintas. Garden (apud RICHARDS; RODGERS, 2011, p.115-121) propôs as seguintes classificações:

Linguística: É habilidade de usar a língua em uma maneira especial e criativa através de projetos de leitura e escrita, do uso de debate e discurso, jogo com palavras e uso de trocadilhos. **Lógico-matemática:** É a habilidade de utilizar o raciocínio através de jogos de estratégias e quebra-cabeça,

realiza atividades de entendimento, sequência lógica, uso de códigos e cálculos. **Espacial:** É a habilidade de formar mentalmente modelo tridimensional, desvendar mapas e diagramas, atividades de consciência visual, ilusão de ótica, organização de gráficos e criação de histórias imaginativas. **Musical:** É a habilidade de tocar instrumentos, apreciar músicas, cantar, reescrever músicas associando com conceitos, relacionar sentimentos a ritmos musicais e a percepção de tons e reprodução de novas combinações. **Corporal-cinestésica:** É a habilidade de coordenação motora corporal, desenvolver atividades com movimentos, fazer o uso da linguagem corporal, representar um personagem, fazer mímicas e atividades manuais. **Interpessoal:** É a habilidade de dar-se bem com pessoas, trabalhar em dupla ou grupos, mediar conflitos, realizar jogos de tabuleiros, dar *feedback* a outros alunos, liderar, saber dividir e compreender os sentimentos e intenções dos colegas. **Intrapessoal:** É a habilidade de trabalhar para si mesmo, controlar seus sentimentos e humores, estabelecer metas e participar de projetos individuais, aprender por meio de sua própria reflexão, utilizar a metacognição e fazer uso preciso de ideias. Concluindo com a **Naturalista:** É a habilidade de entender os padrões da natureza, perceber a sensibilidade do meio ambiente, ter experiência e/ou conhecimento de ciências, além de ter bom desenvolvimento ao ar livre. [9]

Ter o conhecimento dessas categorias de MI coopera com uma melhor seleção de atividades que podem ser inseridas no planejamento de aula. É interessante propor práticas que demandem a utilização de várias inteligências, pois o estudante poderá ter menos facilidade em se concentrar e aprender quando um único tipo de atividade é exposto. Cada sujeito possui um conjunto dessas inteligências, desse modo, é essencial o professor identificar e valorizar essas habilidades para que o alunado não seja considerado como o mais ou o menos participativo da turma. O discente precisa apenas ser trabalhado corretamente.

A combinação de mais de uma MI poderá proporcionar ao aprendiz mais concentração e interesse em participar das atividades. Segundo Walters e Frei (2009, p.89), “uma das maneiras de os professores manterem os alunos ativamente ocupados nas aulas, é um planejamento e uma preparação cuidadosa da aula levando em conta os melhores modos de atender as necessidades individuais de aprendizagem dos alunos”.

Geralmente há uma reflexão sobre as atividades selecionadas pelo docente durante o planejamento de aula, como por exemplo, os objetivos gerais, a sequência de atividades, o tempo previsto para diferentes tarefas e a escolha do desenvolvimento individual, em dupla ou em grupos. O material trabalhado, além do livro do aluno, pode ser o uso de vídeos e jogos eletrônicos, quadro interativo, sites da Internet, livro extracurricular, desenhos e representações simbólicas, revistas e figuras diversas, darão uma renovação no ambiente. Para Ur (2012, p.21-22), as aulas deverão apresentar um balanço entre trabalhos individuais e em grupo, diversão e seriedade, agitação e concentração, passividade e dinamismo. Os aprendizes precisam ser encorajados diante dessas tarefas a agirem por iniciativa própria adaptando-se a essas oscilações de ritmo de aula sem dificuldade. [10]

A contribuição de MacDonald (apud RICHARDS; FARRELL, 2011, p.59) descreve alguns aspectos em relação ao planejamento de aula, sugerindo que seja identificado o propósito da lição, seu foco e meta, escolha de habilidades, estratégias de aprendizagem e atividades a serem trabalhadas.[11] O objetivo a ser atingido não é apenas o do aluno, o professor também necessita alcançar o que foi planejado para ele. Richards e Farrell (*idem*, p.63) chamam a atenção para algumas perguntas que podem ajudar na reflexão pós-aula e servirão de suporte para o planejamento da aula seguinte, sendo elas: (1) Meus alunos gostaram da aula?; (2) As atividades foram suficientes para envolver os alunos?; (3) Que parte da aula teve mais sucesso?; (4) Qual a atividade com menos êxito?; (5) Eu consegui alcançar o que foi planejado para a aula?; (6) Quais as dificuldades enfrentadas na aula?;

(7) Irei ensinar da mesma maneira na próxima aula?.[12]

Essas são perguntas de extrema importância para que o professor tenha chance de repensar o que foi válido e os pontos que precisam ser trabalhados com mais precisão no próximo encontro com os alunos. A ideia de Miranda (2012, p.25) conclui o pensamento sobre planejamento de aulas, quando diz que: “O planejamento pode até não garantir o sucesso das ações pedagógicas, mas sem ele sequer sabemos o caminho!”.

6 A PRESENÇA LÚDICA EM SALA DE AULA

A palavra “lúdica” está escrita no Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa com a seguinte definição: “referente a, ou que tem o caráter de jogos, brinquedos e divertimento[...]”. As crianças que estudam uma LE esperam que as suas aulas tenham esse perfil, pois a brincadeira está conectada com atividades relacionadas a essa faixa etária. Para Silva (2012, p.11) “o professor pode criar uma atmosfera lúdica, espontânea e contextualizada, a fim de que seus alunos façam produções orais mais significativas para melhorarem sua fluência.” É o professor que decide a maneira de ensinar, o que utilizar e quais os materiais de suporte que serão aplicados em sala de aula. Entretanto, o docente precisa manter a disciplina em sala mesmo quando é realizada uma atividade que requer movimento e agitação. O controle do professor fará toda a diferença no momento de acalmar os alunos e mantê-los novamente em atenção.

Não se pode esquecer que toda atividade dinâmica aplicada exigirá uma proposta pedagógica vinculada a ela. Maluf (2009, p.21 e 22) declara que “[...] por meio das atividades lúdicas, a criança brinca, joga e se diverte. Ela também age, sente, pensa, aprende e se desenvolve. As atividades lúdicas podem ser consideradas tarefas do dia a dia na Educação Infantil.” A ação de brincar não deve ser vista apenas como diversão ou o passar do tempo. Enquanto brinca, o aluno desenvolve habilidade visual, oral, auditiva, tátil, espacial, temporal, lateral, motora, social, dentre outras.

Os professores que trabalham com crianças devem proporcionar uma aula acolhedora, descontraída e divertida, oferecendo uma aprendizagem por meio da ludicidade. É importante preparar materiais com características lúdicas, sendo algumas sugeridas como o uso de figuras interessantes e coloridas que podem ser aplicadas a jogos de movimento, como por exemplo, o aluno que tocar e falar corretamente o nome de uma determinada figura irá participar novamente da brincadeira. Ou usar o raciocínio e criar uma história utilizando uma foto escolhida. A aplicação de objetos reais, movimentos corporais e expressões faciais tornará a tarefa mais interessante.

Outra indicação é o uso de jogos concretos, pois a criança investe concentração e dedicação nesse tipo de atividade, contribuindo para um divertido e excelente aprendizado. Utilizar diferentes materiais como dados, ampulheta, jogos de tabuleiro, quebra-cabeça, dominó, baralho e balões podem agregar valores às atividades simples, além de serem estimulantes para o educando. A utilização de músicas, cantigas, rimas e trava-línguas são desafiadoras e atraentes para os aprendizes sendo também uma rica fonte de linguagem. É interessante selecionar momentos em que vários alunos participem ao mesmo tempo de uma única dinâmica. Assim será garantida a participação e envolvimento de todos.

O lúdico em sala favorece um maior contato entre alunos facilitando a aprendizagem, uma vez que as tarefas ficam mais atraentes aumentando o interesse e motivação da criança. Torna-se necessária a certeza de que as atividades sejam sempre inovadas e autênticas tendo seu tempo limitado, pois a concentração infantil é de curta duração. As dinâmicas devem ser adequadas com a maturidade de cada faixa etária, a quantidade de alunos e o grau de conhecimento já adquirido da LE. Ficam a título de sugestão dois livros que possuem diversas ideias que podem ser aplicadas no aprendizado de idioma: *Dinâmicas e jogos para aulas de idiomas* e *Atividades lúdicas para Educação Infantil*.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aprendizagem da Língua Inglesa na infância requer cuidados especiais para que objetivos possam ser alcançados com sucesso. Uma vez que se faz necessária a reflexão do professor no que diz respeito a métodos, teorias e estratégias aplicadas, além de aptidão para fazer devidas e necessárias modificações. Sabe-se que o educando estará disposto a aprender caso encontre motivação, afetividade e oportunidades de expressar suas emoções e desejos.

O professor está inserido em um dos contextos que influenciam a aprendizagem, mas depende exclusivamente dele realizar atividades que envolvam todos os estudantes, despertando a motivação intrínseca e extrínseca de cada um em sala. O planejamento de aula precisa ser realizado com antecedência, tentando garantir o sucesso almejado. Materiais adequados e atrativos darão suas contribuições para que tarefas sejam motivadoras e desafiadoras. O propósito diante de todos é repassar, compreender e construir mensagens cada vez mais precisas. Geralmente o que é aprendido em sala é aplicado no convívio extra escolar.

É necessário que a aula tenha momentos significativos. É quando a ludicidade entra em cena oportunizando mais contato, diversão, estímulo e empenho por parte dos que estão aprendendo. Faz-se essencial a reflexão do docente em relação ao desenvolvimento e interesse individual dos alunos, como também a aplicação de diferentes formas de ensino por meio das Múltiplas Inteligências. As contribuições diárias devem mobilizar e desafiar o potencial dos seus alunos, levando a uma aprendizagem significativa, eficiente e duradoura.

REFERÊNCIAS

BOHN, Hilário I. O método “soberano” para o ensino e aprendizagem de língua inglesa. In: LIMA, Diógenes C. (Org.). **Ensino e Aprendizagem de Língua Inglesa: conversas com especialistas**. 1ª edição. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. cap. 17, p.169-178.

BRONW, H. Douglas. **Teaching by principles: An interactive approach to language pedagogy**. Second edition. São Francisco: Longman, 2000.

BURNS, Anne; RICHARDS, Jack C. **Pedagogy and Practice in Second Language Teaching**. 1ª edição. New York: Cambridge University Press, 2012.

FERNÁNDEZ, Gretel E.; CALLEGARI, Marília. V. **Estratégias Motivacionais para Aulas Língua Estrangeira**. 1ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.

MALUF, Angela. C. M. **Atividades lúdicas para Educação Infantil: Conceitos, orientações e práticas**. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2009.

MIRANDA, Simão de. **Como se tornar um educador de sucesso: dicas, conselhos, propostas e ideias para potencializar a aprendizagem**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2012.

PILETTI, Nelson. **Aprendizagem: Teoria e Prática**. 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2013.

RICHARDS, Jack C.; FARRELL, Thomas S. C. **Practice Teaching: A Reflective Approach**. 1ª edição. New York: Cambridge University Press, 2011.

RICHARDS, Jack C.; RODGERS, Theodore S. **Approachs and Methods in Language Teaching**. 2ª edição. New York: Cambridge University Press, 2011.

SILVA, Solimar. **Dinâmicas e jogos para aulas de idiomas**. 1ª edição. Petrópolis. Vozes, 2012.

UR, Penny A **Corse in English Language Teaching**. 2ª edição. New York: Cambridge University Press, 2012.

WALTERS, Jim.; FREI, Shelly. **Gestão do comportamento e da disciplina em sala de aula**. Tradução de Adail Sobral. 1ª edição. São Paulo: SBS Editora, 2009.

[1] Tradução da autora.

[2] Tradução da autora.

[3] Tradução da autora.

[4] Tradução da autora.

[5] Tradução da autora.

[6] Tradução da autora. Frases em *itálico* e marcações de tópicos no texto original.

[7] Essas dicas foram adaptadas do Capítulo XI: *10 Gestos que os gestores podem fazer para ajudarem na motivação docente*. Seu texto original encontra-se no livro: ***Como se tornar um educador de sucesso***, do autor: Simão de Miranda (2012, p.69-71).

[8] Tradução e grifo da autora.

[9] Tradução e grifo da autora.

[10] Tradução da autora.

[11] Tradução da autora.

[12] Tradução da autora.

* Professora da Língua Inglesa em escolas de idiomas, turmas criança e adolescente. Aluna do 8º período do curso de Pedagogia, oferecido pelo Centro Universitário CESMAC. Email: cathbarros@hotmail.com .

**Assistente Social e Pedagoga, Mestre em Educação pela UFAL, professora do Curso de Graduação de Pedagogia – CESMAC e FACIMA, orientadora do Projeto Semente de Iniciação Científica – PSIC ofertado pelo Centro Universitário CESMAC. Email: ralunos@hotmail.com .